



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"  
Campus de Marília



**CULTURA  
ACADÊMICA**  
*Editora*

# O projeto pedagógico de uma instituição educacional para pessoas com condutas atípicas

Rossana Maria Seabra Sade  
Antonio dos Santos Andrade

**Como citar:** SADE, R. M. S. ; ANDRADE, A. S. O projeto pedagógico de uma instituição educacional para pessoas com condutas atípicas. *In:* MANZINI, E. J. (org). **Educação Especial: temas atuais**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2000. p141-152. DOI: <http://doi.org/100.36311/2000.85-86738-15-8.p141-152>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

# O PROJETO PEDAGÓGICO DE UMA INSTITUIÇÃO EDUCACIONAL PARA PESSOAS COM CONDUTAS ATÍPICAS

Rossana Maria Seabra SADE<sup>1</sup>

Antônio dos Santos ANDRADE<sup>2</sup>

Este trabalho nasceu de uma pesquisa desenvolvida como dissertação de mestrado junto ao Departamento de Pós-graduação em Educação Especial na UFSCar, cujo tema pesquisado foi a violência simbólica estabelecida por uma Instituição Escolar que trabalhava com crianças e adolescentes que apresentavam algum quadro de distúrbios emocionais.

O interesse em desenvolver esta pesquisa estava ligado à trajetória profissional da primeira autora, que percebia a dicotomia entre os discursos dos profissionais e suas práticas. O indivíduo, sendo cerceado em sua essência, tinha os seus direitos de cidadãos relegados à vontade do outro. Todos estes questionamentos tornaram-se mais claros após um estágio no movimento da anti-psiquiatria na Itália. Muito do que percebia ocorrer na trajetória destes alunos era o processo de Institucionalização, tornando-se uma relação patológica entre a Instituição escolar e seus alunos.

## Introdução

Apesar da literatura, na área de educação especial, a respeito do tema tratado, ser reduzida, para fundamentação teórica recorreu-se a autores como: Telford (1978), Coll (1993), Cruickshank (1975), Gallager (1994), Dunn (1972).

Para Gallager (1994) a maioria das definições de distúrbios emocionais baseia-se em critérios por meio dos quais é possível entender comportamentos da criança e do adolescente considerados inadequados para

---

<sup>1</sup> Docente do Departamento de Educação Especial da Faculdade de Filosofia e Ciências - UNESP - Campus de Marília. (e-mail) [rossana@marilia.unesp.br](mailto:rossana@marilia.unesp.br)

<sup>2</sup> Docente do Departamento de Psicologia e Educação da FFLRP - USP (e-mail) [antandra@ffclrp.usp.br](mailto:antandra@ffclrp.usp.br)  
Home page: <http://www.geocities.com/Athens/Acropolis/2060>

idade, o que resultaria em conflito social, infelicidade pessoal e fracasso escolar. Devido ao fato de praticamente todas as crianças manifestarem comportamento inadequado para a idade em um período ou outro, a definição desta categoria de distúrbio depende das dimensões de intensidade e duração para que se possa distinguir entre comportamento normal e excepcional. Os profissionais nessa área discordam a respeito da extensão de grau e persistência de certos comportamentos que classificam uma criança nessa categoria. Além disso, o comportamento não é a única variável que determina a classificação dentro da categoria.

A pessoa que percebe o comportamento da criança como inadequado também desempenha um papel fundamental na decisão. Por isso, definições posteriores tendem a incorporar o observador no quadro. Graubard (1993), por exemplo, define distúrbios emocionais, como uma variedade de comportamentos deficientes, excessivos e crônicos, que variam desde o impulsivo e agressivo até o depressivo e de retraimento, que violam as expectativas de inadequação do observador e a qual este deseja ver interrompida.

Antigamente cabia aos clínicos que tratavam de crianças e adolescentes problemáticos através de consultas diárias observar certos padrões e regularidades e tentar agrupar esses casos de um modo significativo. A acumulação dessas decisões clínicas foi então organizada em categorias psiquiátricas. Os principais sistemas de classificações desenvolvidos a partir da experiência clínica foram organizados em categorias psiquiátricas. Sendo (DSM IV) (Manual de Diagnóstico e Estatístico dos Distúrbios Mentais) e (Sistema de Classificação dos Distúrbios Psicopatológicos na Infância).

Duas décadas atrás, o tratamento oferecido para esta clientela era de natureza psiquiátrica, de responsabilidade dos profissionais de saúde mental, mas hoje passou a ser também de responsabilidade do pessoal escolar. As estratégias do programa educacional incluem diferentes abordagens rotuladas de psicodinâmicas, psicoeducacionais e modificação de comportamento.

A ênfase da abordagem psicoeducacional ainda é sobre a avaliação e diagnóstico, baseados na área clínica, sendo pouco delimitado o trabalho com esta clientela a nível educacional, persistindo certos problemas como: poucos profissionais especializados; compreensão das causas do problema; metodologia inadequada para desenvolver o trabalho, poucos recursos

financeiros, sendo reduzidas as intervenções e a construção teórica na área escolar.

Do ponto de vista da psiquiatria, recorreu-se também para fundamentação teórica deste trabalho a autores como: Cooper (1976), Goffman (1983), Szasz (1984), Moreno (1983), Basaglia (1979), Heller (1992), etc. Partindo-se do conceito de “doença mental” foi sendo delineada a trajetória teórica da pesquisa.

De acordo com Szasz (1984), o que determina a doença são as condições. O que pode ser considerado sadio em uma sociedade não é em outra; as crenças e as ações que cercam a doença são cultural e historicamente determinadas.

Ainda segundo Szasz (1984), a visão de doença mental, como um conjunto de juízos e valores sobre o comportamento humano, leva a questionar, que os indivíduos, que não se conformam às normas sociais, comportam-se de maneira diversa das normas aceitas e de um modo que perturba os demais, são chamados doentes mentais pelos psiquiatras e são oprimidos em benefício dos interesses da sociedade.

Para Cooper (1976), a “loucura” não está em uma pessoa, e sim em um sistema de relações do qual participa o indivíduo. Uma vez estigmatizado dessa maneira, espera-se um certo tipo de comportamento.

Goffman (1982) afirma que o indivíduo estigmatizado não pode ser definido como diferente de qualquer outro ser humano, ainda que, ao mesmo tempo, ele e as pessoas próximas o definam como alguém marginalizado. Dada essa contradição básica do indivíduo estigmatizado, é compreensível que ele se esforce para descobrir um código que forneça um sentido consistente à sua situação. Os códigos elaborados pelo indivíduo estigmatizado, quer explícita ou implicitamente, tendem a cobrir certas questões, levando este indivíduo a uma auto-alienação.

Ainda segundo Goffman (1982), o estigma tem a sua própria história, servindo como meio de controle social, entre o que é desviante e o normal.

Para Basaglia (1968), a loucura se constitui pelas contradições do corpo, orgânico e social, sendo uma contradição que se verifica no ambiente social, que não é um produto apenas da sociedade, mas de uma interação dos

níveis dos quais nos compomos: biológico, sociológico, psicológico. Daí, afirmar, que a loucura é um produto histórico-social.

Nesta linha de pensamento é que se procurou delimitar os objetivos e a metodologia. Os objetivos foram assim propostos: verificar a ocorrência de indícios de violência física e simbólica nas relações estabelecidas pela instituição; e investigar a relação entre os profissionais da instituição escolar e os alunos com intuito de revelar o projeto pedagógico assumido por ela.

## **Metodologia**

Na metodologia procedeu-se a uma investigação do tipo etnográfica em uma instituição educacional da Cidade de Curitiba-PR. Esta escola prestava atendimento a crianças e adolescentes que apresentavam distúrbios de comportamento. Nesta abordagem o pesquisador mantém contato direto com o cotidiano institucional, realizando aí a coleta de dados, através da observação participante.

O propósito inicial era criar um clima amigável junto aos profissionais da instituição, a fim de garantir um maior envolvimento com a pesquisadora.

O papel da pesquisadora nesta instituição foi de estagiária, buscando sempre um contato com os seus integrantes de modo que se apresentasse destituída de todo seu conhecimento anterior sobre a clientela e sobre a instituição.

Além da observação, utilizou-se entrevistas etnográficas e a análise de documentos.

## **Resultados**

Com os dados coletados foi possível realizar uma descrição da instituição que inclui: sua história; sua organização administrativa, as turmas e seu funcionamento, compreendendo a descrição das turmas, dos alunos, etc.

Os papéis e atores sociais estão relacionados com cada função dos integrantes profissionais. O projeto pedagógico da instituição e suas dificuldades de funcionamento referiam-se à proposta desta instituição como clínica-escola e às barreiras para realizar o trabalho.

Esta instituição escolar possuía uma estrutura organizacional que incluía os seguintes níveis: administração geral; conselho deliberativo; conselho técnico; e assembléia geral. Era uma instituição privada sem fins lucrativos. Uma vez concretizada a matrícula do aluno os pais passavam a integrar a categoria de sócios titulares.

A clientela atendida por esta Instituição eram crianças e adolescentes com os seguintes quadros clínicos:

- Portadores de distúrbios neurológicos, associados a distúrbios de estrutura psíquica;
- Quadros de autismo e outros quadros psicóticos.
- Distúrbios de aprendizagens que impossibilitam a freqüência em escola regular, mesmo em classe especial, pelo distúrbio em si ou pela idade.

Essa clientela era atendida em dois turnos, manhã e tarde, sendo quatro turmas à tarde e três turmas pela manhã. Cada turma era composta por, no máximo, cinco alunos, reunidos de acordo com a faixa etária, nível de pensamento e quadro clínico compatível com os objetivos do programa terapêutico da turma. Cada grupo ficava sob a responsabilidade de um técnico de sala, que era um psicólogo, e, para auxiliar o técnico de sala, a escola contava com um quadro de estagiários de psicologia.

O objetivo central da clínica-escola era oferecer um ambiente terapêutico, estimulante para a aprendizagem. Como linha teórica, esta Instituição seguia abordagem psicanalítica, com enfoque lacaniano, razão pela qual a instituição deveria dar escuta clínica não só à criança, mas também à família, na tentativa de resgate da dignidade, tanto de um como de outro, como sujeitos humanos com direito à vida.

O atendimento era realizado com base em 5 programas:

- Estimulação de base: programas para crianças portadoras de quadros psicóticos, o trabalho era voltado para estimulação e atividades de vida diária.
- Psicopedagogia Nível I: programa voltado aos pré-requisitos da alfabetização.
- Psicopedagogia Nível II: programa para crianças e adolescentes em condições de escolarização sistemática.

- Trabalhos individuais.
- Trabalhos com pais.

A faixa etária predominante dos 29 alunos que freqüentavam a escola era de 13 a 23 anos. A maioria deles (18 alunos) estava nas turmas de Psicopedagogia I e II. Analisando o histórico institucional dos alunos verificou-se que 3 já freqüentaram escola regular; 21 estiveram em escolas especiais antes de ingressar nesta instituição; 4 passaram por hospitais psiquiátricos; e apenas 1 não freqüentara nenhuma instituição anterior. Dos 29 alunos, 14 estavam na instituição há mais de 4 anos.

As atividades cotidianas da instituição foram subdivididas em: didático-pedagógicas, cuidados pessoais, recreativas, disciplinares e de organização coletiva.

Atividades didático-pedagógicas eram aquelas voltadas para a escolarização e eram aplicadas conforme o nível das turmas, assim divididas: Oficina; Estimulação de Base; Psicopedagogia Nível I; Psicopedagogia Nível II; e Trabalho individual. Em geral, estas atividades consistiam em trabalhos tais como: exercícios motores, cópias de texto, exercícios de aritmética, trabalhos voltados para alfabetização, envolvendo: procurar palavras em revistas, colar areia sobre a vogal, pintar as vogais, copiar palavras do quadro, formar frases com palavras ditadas. Ainda faziam parte das atividades pedagógicas: culinária, jardinagem, pintura, colagem, dobradura, etc. Para realização destas atividades os alunos dependiam do apoio do técnico, segurando a sua mão ou observando a atividade.

As atividades de cuidados pessoais eram aquelas ligadas a higiene, como: pentear o cabelo, escovar os dentes, trocar de roupa, etc. Nestas, o técnico também auxiliava na suas realizações.

As atividades recreativas eram do tipo atividades de lazer, exemplo: escutar música, brincar de roda, jogar futebol etc.

As atividades disciplinares eram aquelas utilizadas para contenção, tais como o isolamento do grupo, quando o aluno perturbava a classe. Assim, por exemplo: se o aluno cuspiu no colega várias vezes, era colocado sentado em uma cadeira afastada dos outros colegas, para *pensar* sobre sua atitude. Outra forma de contenção era a repreensão verbal. Também utilizava-se a contenção física quando o aluno entrava em crise. Um exemplo era enrolar o

aluno em um cobertor e segurá-lo firme ou o técnico deitava o aluno no chão e segurava firme suas mãos.

As atividades de organização coletiva eram aquelas que envolviam a grande maioria dos alunos, já que eram comuns às várias turmas: entrada, refeição, saída. As atividades festivas eram comemoradas por todas as turmas juntas. Por exemplo, em festa Junina, em dia da criança. O dia na instituição era organizado, geralmente, da forma como se apresenta na tabela a seguir:

Tabela 1 – Atividades de organização diária da instituição

Atividades	Horários
Entrada	13h30
Atividades pedagógicas	14h
Lanche	15h
Recreação	15h30
Atividades pedagógicas	16h
Preparo para saída	17h
Saída	17h30

Observamos conforme tabela acima, que o grupo de alunos permanecia a maior parte do horário em sala, sentados, com atividades acadêmicas, enquanto os horários de recreação eram poucos. Algumas atividades eram ritualísticas, como por exemplo, passar perfume, escovar o cabelo, lavar as mãos, todos os dias, no período que antecedia a saída.

O projeto pedagógico desta Instituição tinha como objetivo resgatar os indivíduos para a sociedade, porém aparecia constantemente a falta de cooperação, planejamento e organização, sendo questionado pelos técnicos, em vários momentos, que a Instituição atravessava dificuldades para cumprir seus objetivos. Muitas destas dificuldades estavam ligadas na dinâmica de seu funcionamento.

Através da descrição do cotidiano, pretendeu-se verificar a ocorrência de indícios do processo de produção social da loucura, tais como: estratégias de contenção e violência física e simbólica. Além disto, tentou-se

investigar a relação entre técnicos, professores e alunos com o intuito de revelar o projeto pedagógico implícito nela.

A partir dos resultados e do referencial teórico, levantou-se que esta instituição, embora tivesse como proposta um trabalho alternativo e desinstitucionalizante, na sua prática não o fazia. Setenta por cento dos alunos estavam há mais de 6 anos nesta escola. A promoção de socialização era muito baixa. Das 4 horas que os alunos permanecem neste local, 3 horas ficavam dentro de sala de aula, sentados, observando atividades. Um exemplo registrado pela pesquisadora assim os descreve: todos os alunos estão sentados em torno da mesa, o técnico propôs a atividade de jardinagem, pegou os vasos de flores que estavam sobre o armário e tirou as folhas mortas, depois colocou terra e molhou as plantas. Em geral, os alunos permaneciam sentados, observando atividades estáticas como a descrita acima, que eram rotinas na Instituição.

As conclusões sobre o espaço físico revelaram que, para evitar o trânsito de alunos do piso superior para o inferior e vice-versa, existiam dois portões com cadeados. Desta forma, para saírem da sala de aula precisavam da permissão do técnico. Essas limitações físicas cerceavam-lhes a liberdade de ir e vir. Basaglia (1968, p. 23) reafirma que “os portões, os cadeados, as grades, as camisas de força são meios de coerção, geradores de violência”. Diz ainda que gritar, agitar-se, tentar atacar, são atitudes que só existem em uma comunidade repressiva.

A partir das observações sobre esta instituição podemos perceber que a violência apresentava-se de forma explícita, principalmente nas formas de contenção. Todos esses procedimentos ocultavam o discurso dos dirigentes e profissionais, segundo os quais, eram técnicas aplicadas, para segurança e bem estar do aluno e do grupo. Basaglia (1968) ilustra dizendo: “os graus de aplicação dessa violência dependerão, entretanto, da necessidade que tenha aquele que detém o poder de ocultá-la ou disfarçá-la. É daí que nascem as diversas instituições, desde a familiar e escolar até a carcerária e a manicomial”.

A violência e a exclusão estão justificadas por serem necessárias, nas primeiras, como consequência da finalidade educativa, nas segundas, da *culpa e da doença*. Tais instituições podem ser definidas como instituições da *violência*.

## Discussão e conclusão

Esta instituição, assim como muitas outras que trabalham com o *doente mental*, institucionaliza, cerceia a liberdade, tornando-se uma ante-sala do hospital psiquiátrico.

Como trabalhar com a *loucura*, sem perceber este indivíduo de igual para igual? Um indivíduo sem voz, sem escuta, é apenas um ser patológico. Enquanto as instituições que trabalham com a doença mental não desmistificarem a patologia, não interagirem com o indivíduo, respeitando seu direito como cidadão, como um ser capaz de dialetizar com o mundo, isto não será possível.

Segundo Basaglia (1968), o que sobra para estes indivíduos é o mundo do terror, o mundo da violência, o mundo da exclusão. Se não podemos reconhecer que esse mundo somos nós, já que somos as instituições, as regras, os princípios, as normas, as ordens e as organizações; já que não podemos reconhecer que fazemos parte do mundo da ameaça pelo qual o “doente” se sente esmagado, tampouco somos capazes de entender que a crise do doente é a nossa crise... O “doente” sofre sobretudo por ser constrangido a viver de maneira a problemática e a dialética, embora freqüentemente as contradições e as violências de nossa realidade sejam insustentáveis.

O único espaço que lhe é concebido é o espaço de uma só dimensão criado para ele. Este espaço não pode ultrapassar as barreiras estabelecidas pelas instituições.

Sendo assim conclui-se que as questões sobre indivíduos portadores de distúrbios emocionais, inicialmente deve ser encaminhada repensando o que é ser *normal* nos padrões educacionais. Além disso, essa relação coloca à prova, mais que nenhuma outra, nossos recursos e nossa criatividade. Nossa relação educacional é bastante desarticulada e é acompanhada, pelo professor com sentimentos de piedade, medo e estupor, havendo uma ordem oculta de significados que a educação especial não consegue decifrar. Por isso, joga-se estes indivíduos para a psiquiatria. Sendo doentes mentais não compete a educação especial dar conta deles, assim comungando a Instituição e o professor dentro deste processo, onde a única saída é rotular e medicar.

Esta clientela, até algumas décadas esquecida pela Educação Especial, deve ser incluída nas buscas por estratégias psicoeducacionais, a fim de que se encontrem formas mais adequadas e mais humanas de atendimento.

Desmistificando o poder terapêutico e envolvendo os pais e a sociedade no trabalho, é possível diluir o poder e o saber, encontrando um “caminho novo” para este aluno especial.

### Referências Bibliográficas

- AGNES, M. *O doente mental na sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro : Zahar, 1981.
- AUBIN, H. *As psicoses da criança*. Rio de Janeiro : Zahar, 1975.
- BARROS, A., LEHFELD, W. *Projeto de pesquisa*. Petrópolis : Vozes, 1990.
- BASAGLIA, F. et al. *Autobiografia di un movimento*. Firenze: Stampa, 1979.
- \_\_\_\_\_. *A psiquiatria alternativa*. São Paulo : Brasil Debates, 1979.
- \_\_\_\_\_. *II Circuito del controllo. Trieste*, Cooperativa Libreria - Centro Culturale, 1980.
- \_\_\_\_\_. *A instituição negada*. Rio de Janeiro : Graal, 1985.
- BARIGIAN, H.M. *Schizophrenia, Epidemiology*. Belo Horizonte : Científica Nacional, 1987.
- BLEGER, J. *Psico-higiene e psicologia institucional*. Porto Alegre : Artes Médicas, 1984.
- CICOUREL, A. *Teoria e método em pesquisa de campo*. Trad. A. Z. GUIMARÃES. Rio de Janeiro : Francisco Alves, 1980.
- COOPER, D. *Psiquiatria e anti-psiquiatria*. São Paulo : Perspectiva, 1976.
- DELAMONT, S., HAMILTON, D. A pesquisa em sala de aula: uma crítica e uma nova abordagem. In: PATTO, M.H.S. (Org.) *Introdução à psicologia escolar*. São Paulo: T.A. Queiróz, 1981.
- DELLACQUA, G. *Storie del manicomio di Trieste*. Trieste: Cooperativa editoriale, 1972
- EZPELETA, J. *Notas sobre investigación participante y construcción teorica*. Seminário de Pesquisa Participante. Brasília : INEP, 1984. (Mimeo.).

- EZPELETA, J., ROCKWELL, E. Escuela y classe subalternas. *Cuadernos Políticos*, v. 37, p. 70-80, 1983.
- \_\_\_\_\_. *Pesquisa participante*. São Paulo : Cortez, 1986.
- FOUCAULT, M. *História da loucura na Idade Clássica*. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- \_\_\_\_\_. *Doença mental e psicologia*. Rio de Janeiro : Tempo Brasileiro, 1975.
- FREEMAN, T. *Psicopatologia de los psicosis*. Barcelona : Toray, 1972.
- GOFFMAN, E. *Manicômios, prisões e conventos*. Trad. D. M. Leite. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Estigma*. Trad. M. B. M. L.Nunes. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.
- HELLER, A. *O Cotidiano e a história*. Trad. C. N. Coutinho. 4. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992
- JORNAL BRASILEIRO DE PSIQUIATRIA. Belo Horizonte : Científica Nacional. v. 36- 37 e 39, 1987-1990.
- JORGENSEN, G. *Uma educadora diante da loucura*. Rio de Janeiro : Agir, 1979.
- KANDEL, L. Reflexões sobre o uso da entrevista, especialmente a não-diretiva, e sobre as pesquisas de opinião. In: THIOLENT, M.J.M. *Crítica metodológica, investigação social e enquete operária*. 3. ed. São Paulo : Pólis, 1982.
- LIMA, O. R. *Psicose*. São Paulo : Sarvier, 1985.
- LANG, R.D. *A política da experiência*. Petrópolis: Vozes, 1974.
- LUDKE, M., ANDRÉ, E.D.A. M. *Pesquisa em educação: abordagem qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.
- MAHLER, M. *As psicoses infantis e outros estudos*. Porto Alegre : Artes Médicas, 1983.
- MANNONI, M. *A criança sua "doença" e os outros*. Rio de Janeiro : Guanabara, 1967.
- \_\_\_\_\_. *Educação impossível*. Lisboa : Moraes, 1973.

- MAZET, L. *Autismo e psicoses da criança*. Porto Alegre : Artes Médicas, 1991.
- MELLO, A., SILVA, M. *Projeto esperança - Europa 88*. Espírito Santo: Comunicação Social da LBA, 1988.
- MICHELAT, G. Sobre a utilização da entrevista não-diretiva em sociologia. In: THIOLENT, M.J.M. *Crítica metodológica, investigação social e enquete operária*. 3. ed. São Paulo : Pólis, 1982.
- MYER, V. Toward a synthesis of ethnographic and survey methods. *Human Organization*. v. 36, n. 3, p. 244-251, 1977.
- MORENO, J. L. *Psicoterapia de grupo e psicodrama*. Trad. A. D. M. Cezarino Filho. São Paulo: Mestre Jou, 1974
- \_\_\_\_\_. *Las palabras del padre*. Trad. J. Ortiz. 2. ed. Buenos Aires: Vancu, 1976.
- \_\_\_\_\_. *Fundamentos de psicodrama* Trad. M. S. M. Neto. São Paulo: Summus, 1983.
- \_\_\_\_\_. *O teatro da Espontaneidade*. Trad.: M. S. M. Neto. 2. ed. São Paulo: Summus, 1984.
- \_\_\_\_\_. *Psicodrama*. Trad. A. Cabral. São Paulo: Cultrix, 1987
- NUNES, E.O. (Org.). *A aventura sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.
- OLSEN, V.L., WHITTAKER, E.W. Role-making in participant observation processes in the research-actor relationship. *Human Organization*. v. 26, n.4, p. 273-281, 1967.
- RIBEIRO, M. L. *História da educação brasileira*. São Paulo: Cortez, 1987.
- ROCKWELL, E. De huellas, bardas y veredas: una historia cotidiana en la escuela. Separata de: Cuadernos de Investigaciones. Loucativas, México, n.3, p: 1-71, 1982.
- ROCKWELL, E., EZPELETTA, J. La escuela: relato de um processo de construcción inconcluso. *Dialogante*. n.2, p.26-47, 1983.
- \_\_\_\_\_. *Pesquisa participante*. Trad. F. A. Barbosa. São Paulo: Cortez, 1989
- \_\_\_\_\_. La escuela: relato de un proceso de construcción inconcluso. In: MADEIRA, F.R., MELLO, G.N. (Org.). *Educación na América Latina: os modelos teóricos e a realidade social*. São Paulo : Cortez, 1985.